

Título: SANTO FORTE: A FÉ COMO PILAR DA EXISTÊNCIA HUMANA**Autores:** SILVA, P. A.; MOREIRA, M. E. R.; SOUZA, N. A. D.**Resumo:**

Tradicionalmente, conseguimos diferenciar um documentário pelo modo da filmagem, a partir da apresentação dos personagens, dos cortes de cena e, principalmente, da sua característica inconfundível: a voz narrativa. Porém, ao longo do tempo, a evolução do documentário fez com que várias de suas características, como a voz-over (também chamada “voz de Deus”), fossem colocadas em questão e, assim, abrissem espaços para novos modos de se pensar e se produzir um documentário. No Brasil, isso não foi diferente. Um cineasta, em especial, é considerado o grande responsável pela inovação do documentário em nosso país: Eduardo Coutinho. Falecido em 2014, é reconhecido pelas características singulares que são responsáveis pela conformação de suas produções. Atuando desde os anos 1970, passa a se destacar nos anos 1990 e, até seu falecimento, mantém uma produção regular e coerente com os princípios de reformulação do documentário a que se propunha. Dentre essas características, há duas que chamam a atenção: em primeiro lugar, o fato de dar voz, em seus filmes, prioritariamente às pessoas menos favorecidas, que normalmente não teriam espaço no cinema; em segundo lugar, o costume de aparecer em cena, participando e conduzindo as falas de seus entrevistados e tornando visível, assim, o próprio processo de produção documentarística. Em sua vasta produção, destacamos o filme Santo Forte, lançado em 1999, que teve como mote a vinda do Papa João Paulo II ao Brasil. As estratégias narrativas de Coutinho são marcantes nesse documentário, que se vale dessa visita para apresentar reflexões relativas à importância da religiosidade junto à população brasileira marginalizada, que é no filme representada pelos moradores da Vila Parque da Cidade, uma comunidade localizada na Gávea, Zona Sul do Rio de Janeiro, que são por Coutinho entrevistados. São, assim, esses dezoito personagens que, por meio de suas narrativas, mobilizadas pelas perguntas do cineasta, apresentam ao espectador relatos sobre sua relação com a espiritualidade, apresentando seus vínculos com religiões específicas (dentre as quais destacam-se as religiões de origem afro-brasileira, o catolicismo e as religiões evangélicas) e contando histórias nas quais afirmam ter presenciado manifestações de diversas entidades espirituais. Destes, podemos enfatizar cinco: Dona Tereza, Elizabethe (filha de Dona Tereza), Vera, André e Alex. A primeira, por ter uma habilidade em narrar suas experiências e justificar seus gostos como sendo consequências de suas vidas passadas. A segunda, por se opor à mãe e se contradizer, pois uma hora se diz atea e logo depois diz acreditar nas entidades que se manifestavam em sua mãe, a ponto de fazer-lhes vários pedidos. A terceira por ser a porta voz de Coutinho e sua equipe na comunidade, além de narrar suas experiências em várias Igrejas. O quarto, pela sua narrativa expressionista, ao contar sobre as vezes em que presenciou manifestações em sua esposa e, o quinto, por sua flexibilidade entre a Umbanda e o catolicismo. Destaca-se ainda, no filme, o fato de esses personagens, muitas vezes, indicarem sua passagem por diversas igrejas e religiões diferentes, fazendo ressaltar que o que mais lhes importa é a relação

Palavras-chave: Eduardo coutinho, Religiosidade, Documentário.